

Um conto e quatro poesias desconhecidas de Adélia Prado – recuperando primeiros escritos

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo revela alguns dos primeiros escritos da poeta Adélia Prado, da época anterior à sua estreia oficial (com “Bagagem”, 1976), em que, ainda desconhecida do grande público, buscava publicar suas poesias em diversos jornais do país.

Palavras Chave: Adélia Prado. início como escritora. primeiros escritos.

Abstract: The article presents some early writings of the poet Adélia Prado: at a time when, still unknown to the general public, she was seeking to create space for her poems in newspapers.

Keywords: Adélia Prado. beginning as a writer. early writings.

1. Introdução

Em 2025 (13 de dezembro), Adélia Prado completa 90 anos. Independentemente dos critérios seletivos da ABL, Adélia – desde há muito – é inegavelmente a maior poeta do Brasil e, com toda a justiça, consagrou-se em 2024 com duas importantes distinções: o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Camões, concedido pelos Governos de Portugal e do Brasil.

A absurda exceção que confirma a regra desse reconhecimento ocorreu no famoso triste episódio (que, afinal, de algum modo também honra AP...), supina vergonha alheia, protagonizado pelo governador de Minas em 10 de fevereiro de

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP. jeanlaua@usp.br

2023. Romeu Zema, entrevistado por uma rádio em Divinópolis (cidade natal de AP) foi presenteado ao vivo com um livro da poeta, elogiou a apresentação visual do livro e perguntou, ostentando sua ignorância: “– Ela trabalha aqui?” (e o entrevistador teve que explicar que AP “é uma escritora muito famosa aqui de Divinópolis”).



<https://www.otempo.com.br/politica/zema-confunde-escritora-adelia-prado-com-funcionaria-de-radio-em-divinopolis-1.2812049>

Antes da consagração e da fama, como todo escritor iniciante, AP muito “pelejou” (como se diz em Minas...) para tornar-se conhecida, até que, como se sabe, em 1975, Drummond sugere à Editora Imago, que publique o livro (“Bagagem”, 1976) de AP, cujos poemas lhe pareciam “fenomenais”.

Para dar com a produção primeira de AP, pesquisamos no imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN).

Procurando caminhos: amarga experiência com “O Pasquim”

Como toda novata, AP encontrou muitas portas fechadas e algumas experiências que poderiam ser desencorajadoras, como a de ter enviado poesias suas para a seleção de “O Pasquim”, para receber a áspera resposta (No. 173, 1972):

ADÉLIA, A POETISA

“Os Lírios de Há muito Tempo: Uma noite, tomávamos café, antigamente./ À porta da cozinha, branquejavam os lírios./ Nós tomávamos café. Etc, etc, etc.” A-DÉLIA PRADO (Divinópolis, MG)

● Quem branqueja à porta da cozinha é Omo Total, princesinha. Depois, lírio não rima com café. Fente chá. Gemada. Um troço assim. Cuidado com essa história de poesia. Às vezes, ela morde.

WIDE IVAN AUGUST E

O episódio é comentado por Pinheiro:

Houve certa ingenuidade ou até mesmo pretensão da autora ao enviar um poema lírico desse porte para um tabloide com o perfil discursivo de O Pasquim, cujos interesses e vieses críticos não se afinavam com o discurso adeliانو. O poema, que ainda não apresentava a pujança dos poemas a partir de Bagagem, traça um diálogo com o texto bíblico neotestamentário. Traz um ponto de vista existencial, interfaceando com o conhecido “Sermão do monte”, proferido por Jesus Cristo, quando ele discursa sobre a ansiedade frente às

demandas da subsistência. Abordar esses aspectos estreitamente relacionados à fé cristã, num veículo proeminente da esquerda política brasileira, em plena ditadura, não foi uma boa ideia, e o poema foi naturalmente associado aos discursos das classes dominantes, o que fica claro pelo vocativo que escolhem para a autora, “princesinha”. (...)

A manifestação do tabloide trouxe grande desgosto à poeta, e Adélia tentou de várias formas publicar uma resposta à pilhéria nos periódicos mineiros. Hugo Pontes, editor do *Literarte*, finalmente ajudou a conterrânea, publicando o artigo “O pasquixo (uma estória que é um lixo)”, em 1973. Posteriormente, Adélia referiu-se à origem do seu desagravo como uma “pasquinice” (MOREIRA, 2007, p. 71). Em *Cacos para um vitral*, mais de trinta anos depois do fato ocorrido, referindo-se à personagem Glória, o narrador diz que ela “[...] escreveu a respeito de sua malograda literatura: o ‘Pasquixo’ – uma história que é um lixo, parecendo lavadeira nanica que perdeu o sabão na beira do rio (conforme diz o povo) (PRADO, 2006d, p. 63), como uma autorreferência irônica.²

². Pinheiro, Sylvana A. *A invenção de um modo: movimentos líricos na poesia de Adélia Prado*. Tese de doutorado – UFES. Vitória, 2019. https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_13834_tese%20Silvana.pdf.

“Lapinha de Jesus” – poemas em livro de 1969

Ainda no período anterior a seu reconhecimento, AP escreveu – em parceria com o escritor Lázaro Barreto – o poema “Lapinha de Jesus”, poemas (publicado pela Vozes) que acompanham as figuras do presépio em cerâmica de frei Tiago Kemps, em Divinópolis. O povo pobre de Minas acompanha o nascimento de Jesus.



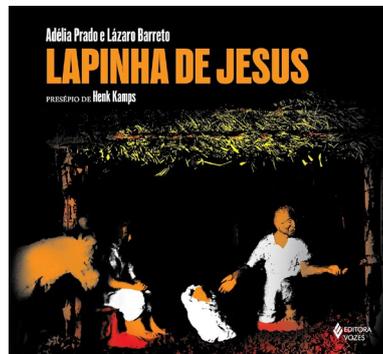
Em 2023, a mesma Vozes reeditou o livro.

Pinheiro (op. cit.) recolhe a discussão entre Adélia e Lázaro sobre quem é o principal autor:

É Adélia quem afirma que sua participação na obra não foi muito extensa: “Eu fiz dois ou três poemas para esse livro, mas é muito mais dele [Lázaro Barreto] do que meu” (PRADO, 2005a, p. 21). Lázaro Barreto expõe outra versão: “A ideia e o convite foram dela. Combinamos escrever, individualmente, textos em forma de legendas para cada foto do magnífico presépio criado por Frei Tiago (OFM). Depois

selecionamos os que julgamos mais condizentes e expressivos. De forma que cada um participou com igual número de páginas, sem distinção de autorias nas mesmas (BARRETO, 2009)”.

Confirmamos que o poema inicial do livro, “A vaca na planície”, é certamente de Adélia, que o publicou em 1969, sob o título “Vaca” no “Suplemento Literário de Minas Gerais” (No. 133, março 1969):



(edição de 2023)

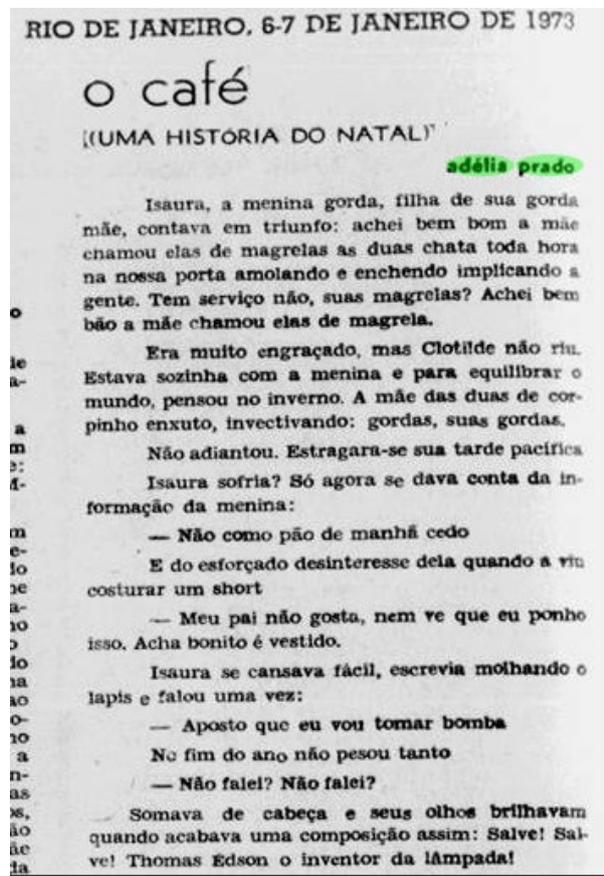
A vaca na planície

Está em seu ruminar,
em seus chifres,
em suas malhas,
súbitamente colhida para a composição:
A Senhora, os
Pastôres e ela
arquejando o ventre para aquecer o Menino.
Até os cornos tocada de presença.
Transcendental o tamanho dos olhos
pela primeira vez pousados
na mais bela das coisas, o Homem.

Ah! o discurso de Deus, velado e sem ruídos:
a vaca na planície.

Contribuições em “A Tribuna da Imprensa” (RJ, 1973-1975)

Enquanto ainda não reconhecida nacionalmente, encontramos na BN diversas produções de AP, sobretudo “A Tribuna da Imprensa”. A primeira é o conto “O café”, aqui apresentado em fac-simile:



Clotilde se angustiava. A tarde quieta despu-
dorava em cumplicidade.

Quem pagava o preço de que? Que erro ha-
via entre o virtual e a luz, a flauta e a boca? A ver-
de coroa e a frente? Isaura, de doze anos, gorda e
anciosa. Quem pecara por ela? Como um pequeno
e difícil espinho sob a unha, o coração de Clotilde
solicitado no incomodo.

Isaura estava ali. Que palavra inventar para
salvar a menina inadvertida, já com os pés no des-
vio, forçando atalhos, tecendo para si, à força da
maldade de nós, obediente e cega, a armadura que
nunca a mais deixara ser-se

— Vem cá Isaura, vamos tomar café

— A senhora come pão, dona Clotilde?

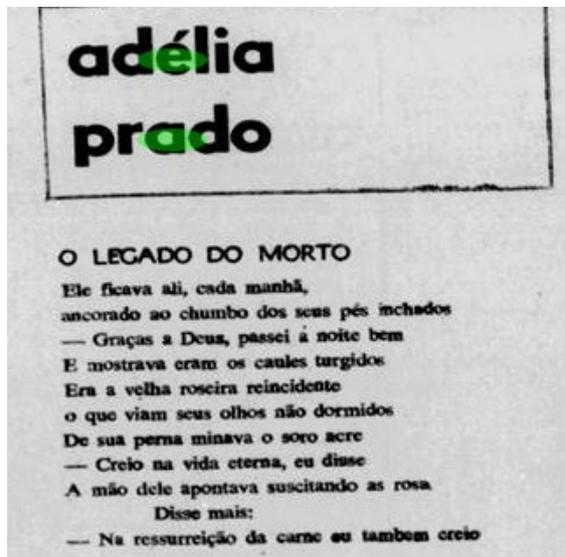
— Ora se

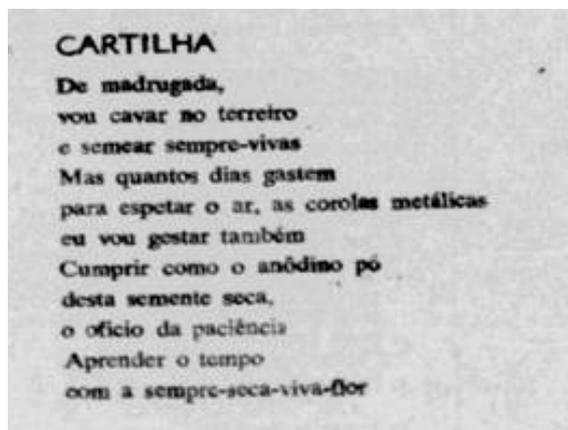
Deu-lhe pão com manteiga pra comer

— Queria uns olhos feitos os seus, Isaura

Seu rosto pré-nupciou em limiar. só então en-
tendendo que a mulher lhe servia, em amor, o seu
coração. O mapa de um país sem alfandegas pra os
sobrecarregados todos.

Em 07-04-1973, no jornal, duas das primeiras poesias
de AP: “O Legado do Morto” e “A Cartilha”.





Outras duas poesias em 24-11-1973, “Flor do campo” e “Aneurisma”. A primeira foi recolhida em “Bagagem”:

A flor do campo [sem o artigo “A” na versão original]

Mais que a amargosa pétala mastigada,
seu aspro odor e seiva azeda,
a lembrança antiga das camadas do sono:
[“atingida” em vez de “antiga”, na versão original]
há muito tempo, foi depois da missa,
eu e mais duas tias num caminho, as pernas
delas
na frente, com meia grossa e saias.

[Na versão original: ela e mais duas tias num caminho.

As pernas delas na frente,
com meia grossa e saias.]

No ar os cheiros do mato, as palavras cordiais,
o céu pra onde íamos, azul, [Na versão original:
“iam” em vez de íamos]

conforme as palavras de Nosso Senhor,
os lírios do campo, olhai-os,

a flor do mato, a infância.

[No original: conforme-as-palavras-de-Nosso Senhor-
os-lírios-do-campo-olhai-os-
a-flor-do-mato-
A infância.]

E “Aneurisma”, digna de qualquer antologia adeliана:

ANEURISMA:

**De fora da janela do hospital,
dura um lixo antigo:
cascas de laranja,
mechas de algodão,
paticos,
tocos de cigarro,
papel higiênico e papéis.
A chuva grudou as mechas,
os papéis
e pos em tudo
uma camada de mofo.
Do lado de dentro
dura um doente antigo.
tosse
já parou de urinar
e quebra em porções pequenas,
pão torrado no chá.
A morte pôs em tudo
o fino tom de sua cinza.
Não vai sol na janela,
por todo lado os cartazes coercitivos:
a água não verte,
SILÊNCIO!
Se alguém gritasse
pediria vassoura.
Ou faca para a sangria.**

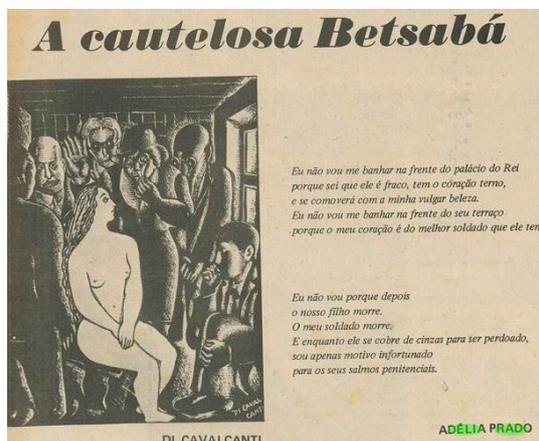
Em 16-02-1975, AP publica a primeira versão de “Com licença poética”, que assim apareceu em “Bagagem”:

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
[Quando [eu] nasci um anjo esbelto,]
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
[“vai carregar bandeira”]
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.
– [(dor não é amargura)]
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

“A Cautelosa Betsabá”, mais um poema “pré-histórico” na BN

Outro poema digno de qualquer antologia de nossa poeta, “A Cautelosa Betsabá”, apareceu obscuramente no jornal “O Estado de Florianópolis” em 06-02-1972.



Considerações finais

Antes do sucesso, marcado pela publicação de “Bagagem” (1976), Adélia Prado é uma escritora talentosa, mas desconhecida em âmbito nacional. Nos anos 1960-1969, a BN só traz uma míngua dezena de breves incidências de AP, como coautora de “Lapinha de Jesus” e no período 1970-1979 – sempre antes de “Bagagem” – só encontramos escassas referências a ela, lutando por dar a conhecer seus poemas e atingir o âmbito nacional, para além dos limites do reconhecimento que obteve em sua Divinópolis (em seu número 1, “Redação” – MG, setembro 1970 – notícia que AP é novo membro, da cadeira 28, da Academia Divinopolitana de Letras, como autora de “Lapinha de Jesus” e integrante do “Agora”, movimento literário da cidade).

Na garimpagem deste artigo, pudemos oferecer ao leitor cinco produções desconhecidas de AP: o conto “Café” e 4 poesias: “O Legado do Morto”, “A Cartilha”, “Aneurisma” e “A Cautelosa Betsabá”. Além de confirmar ser de AP a autoria de “A vaca na planície” e registrar as versões primeiras de “A Flor do campo” e “Com licença poética”, antes da aparição em “Bagagem”.

Recebido para publicação em 30-11-24; aceito em 05-12-24